

ARTES PLÁSTICAS

Pintura brasileira na Grécia
PÁGINA 2

TEATRO

Categoria entrega prêmios
PÁGINA 6

CIRCENSE

Malabares nas esquinas
PÁGINA 10

ESTADO DE MINAS



CULTURA

Instrumentistas e compositores - Graciela Paraskevaïdis (foto) participa do encontro Latino-americano de música. PÁGINA 5
Lirismo regional - “Sevé”, da Zero Cia. de Bonecos, é a atração de hoje do festival internacional. PÁGINA 6

BELO HORIZONTE, QUINTA-FEIRA, 30 DE MAIO DE 2002

DEPOIS DE DÉCADAS DE INFLUÊNCIA DECISIVA DO CLUBE DA ESQUINA, A MÚSICA MINEIRA TEM NOVA GERAÇÃO DE COMPOSITORES, COM MARCAS ESTÉTICAS MAIS AMPLIADAS, CONTEMPLANDO A MÚSICA NEGRA E ELETRÔNICA



NOVO CLUBE
Renato Negrão, Makely Ka, Kristoff Silva, Renato Villça, Magno Mello e Érika são os novos compositores no horizonte da canção brasileira

JAIR AMARAL

ALÉM DAS MONTANHAS

AILTON MAGIOLI

Toda geração musical que se preza traz consigo um time de compositores que vai se responsabilizar pela linguagem e estética de um novo movimento. Que o digam Cláudio Faria, Érika, Kristoff Silva, Magno Mello, Makely Ka, Renato Negrão e Renato Villça, entre outros, cuja produção autoral emergente vem ganhando voz através de Alda Rezende, Anthony, Kadu Vianna, Marina Machado, Patrícia Ahmaral, Regina Spósito e outros jovens intérpretes mineiros. Representantes de um segmento maltratado pelo show-biz brasileiro hoje, felizmente, eles já não se limitam a entregarem a sua obra aos cantores. Estão em busca de espaço, seja interpretando a sua própria obra ou se reunindo em grupos para reivindicar os seus direitos.

A partir do mês que vem, por exemplo, um grupo de cerca de 20 novos compositores radicados em Belo Horizonte estará participando do projeto *Reciclo Geral*

que, de 19 de junho a 7 de agosto, vai transformar o bar Reciclo, no Centro da cidade, em palco de uma mostra de suas composições inéditas, com a participação de intérpretes convidados em apresentações nas noites de quarta-feira. Paralelamente, este mesmo grupo agiliza o lançamento do CD *A Outra Cidade*, que vai proporcionar parcerias aos jovens que movimentam a cena musical pós-Clube da Esquina, com destaque a produção pop-rock. “Trata-se realmente de uma nova geração de compositores, com um trabalho de alta qualidade, tanto em termos de harmonia quanto de letra, porém com um foco diferenciado”, detecta o produtor Maurílio “Kuru” Lima, chamando a atenção para o fato de a nova geração promover em seu trabalho uma reflexão que talvez tenha sido negada pelo próprio Clube da Esquina.

“A influência da cultura regional, sobretudo a da música negra, faz o diferencial do trabalho desta turma. Além disso”, observa o

produtor, “a maioria tem formação acadêmica, o que dá uma possibilidade maior no horizonte da criação, sem que ela esteja presa a uma única estética. É uma geração aberta, que flerta desde a MPB tradicional à eletrônica, passando pelo rap, soul, reggae e outros gêneros”, elogia Maurílio Lima. Até então fechada à produção musical contemporânea, devido a influência assumida dos conservatórios europeus, as próprias escolas superiores de música estão dando a sua contribuição neste novo cenário, ao se abrirem para a música popular. “Com a abertura veio uma demanda reprimida que se mantém até hoje”, informa o professor de composição Eduardo Campolina, da Escola de Música da UFMG, atribuindo à recente reformulação curricular da instituição o interesse crescente pela formação acadêmica no meio.

Segundo revelou, no último vestibular da UFMG 35 candidatos disputaram as três vagas disponíveis na habilitação em composição, o que dá uma média de

mais de 11 candidatos/vaga. “Já tivemos aluno graduado na escola que escreveu uma ópera rock”, orgulha-se o professor, acrescentando que até as igrejas, especialmente as evangélicas, descobriram nas escolas de música o ambiente apropriado para a formação de seus pastores, motivo de preocupação do meio. “Recebemos todo mundo, ainda que às vezes o que eles estejam procurando não esteja na escola”, acrescenta Eduardo Campolina. Companheiro de Campolina na UFMG, Mauro Rodrigues, que é professor de arranjo, harmonia e improvisação na escola, admite perceber um movimento mais atomizado no meio musical mineiro, hoje.

“A composição mineira tem um diferencial característico, mas não encontro nos novos compositores uma afinidade estética como a que houve no Clube da Esquina”, diz Mauro Rodrigues, cuja tentativa de criação da habilitação em música popular na instituição acabou frustrada devido a impossibilidade de contratação de novos

professores. “A efervescência criativa, no entanto, permanece no meio”, conclui Mauro Rodrigues. A constatação da diversidade do trabalho destes jovens autores faz Maurílio “Kuru” Lima prever uma mudança na própria cena musical mineira, em que não apenas os compositores, mas intérpretes, produtores e empresários passariam por uma reorientação, visando um trabalho conjunto.

“A troca de informações começa a tomar forma em Belo Horizonte, como já ocorre no Rio de Janeiro e em São Paulo”, comemora o produtor, admitindo a necessidade de articulação para a construção de uma carreira artística. “A visão do músico imaculado, deitado em berço esplêndido, acabou. Hoje, o escritório de produção que não tiver uma tática de guerrilha dificilmente vai conseguir algo. Tem de haver articulação entre os pares na luta conjunta e diária”, prega Maurílio Lima, de olho no mercado musical interno, nacional e, por que não, internacional.

CONHEÇA AS NOVAS CARAS DA COMPOSIÇÃO MINEIRA NA PÁGINA 4